

**M'BOKOLO, Elikia. *África Negra: história e civilizações*. Tomo II (Do século XIX aos nossos dias). Tradução de Manuel Resende, revisada academicamente por Daniela Moreau, Valdemir Zamparoni e Bruno Pessoti. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011, 754 p.**

Rosemberg Ferracini\*

*África Negra*, escrito em 2008 pelo pesquisador congolês Elikia M'bokolo, professor na Universidade de Kinshas do Congo, foi traduzido para o português em 2011 pela Editora da Universidade Federal da Bahia e é fruto do projeto editorial Histórias ao Sul, coordenado por José Murilo de Carvalho, Lilia Moritz Schwarcz e Valdemir Zamparoni.

Além do título explicitamente geográfico, a obra é composta por sete minuciosos capítulos acompanhados de diversos documentos cartográficos, que discutem as adjacências da Geografia, passando pelas "Guerras e Estados: a África política no século XIX", a "A África independente", as "Economias e sociedades do século XX" e o "O avanço das fronteiras", em conteúdos que se comunicam reciprocamente.

Nos dois primeiros capítulos, que apresentam um conjunto de mapas, encontramos as disputas territoriais que retratam as guerras santas, a consolidação e a dissolução de reinos como Asante, Njoya e Sudão; e a formação dos Estados na África Ocidental de Furta Toro, Futa Jalon, Kaarta, Khasso, Abomey, Oyo, Tio, Lunda, Cassanje, Ovimbundo, Lozi, Meyene, dentre outros. Da África Central e Oriental, aprende-se a respeito dos Estados de Bornu, Wadai, Darfur, Funj, Cazembe, a ocupação de Hausa, Nzakara Zande, Reinos Interlacustres, Zona de influência de Omã e Imerina. Demais representações gráficas trazem informações sobre a rede comercial do Saara por meio da rota dos camelos nas zonas desérticas e toda a zona mediterrânea da Argélia, Tunis, Alexandria, Porto Said, as principais cidades do

Sahel, Walata e Tombuctu, que serviam de parada nos portos mediterrâneos. Na parte ocidental, em particular do Senegal a Angola, podem-se encontrar as zonas agrícolas coloniais do azeite de dendê, óleo palmiste, algodão e o amendoim. Os dois primeiros desempenharam uma forte influência em demais países da África Oriental, como Madagascar.

Temas presentes no segundo e terceiro capítulos são os das plantações escravagistas. Coloca-se em pauta uma discussão ausente na Geografia brasileira: a migração de africanos como escravos. Por meio de quadros e tabelas, o autor apresenta dados da população masculina, feminina e de crianças que foram arrancados e transpostos à força pelo Atlântico para as Américas. As informações passam pelas antigas e novas formas do tráfico humano clandestino, do século XVII ao XIX, entre a ascensão e declínio do tráfico, seus métodos utilizados no processo, o comércio, a repressão e as leis abolicionistas. Estes estão presentes nas páginas da obra que tratam dos acordos "ilícitos" entre franceses, ingleses e portugueses para manter o comércio escravagista.

No terceiro e quarto capítulos percebemos que, com o desequilíbrio demográfico africano, a Geografia assume seu papel: entre réguas e compassos é efetivada a partilha da África. O tema da fronteira é posto na mesa: criando uma Geografia e uma História que pertencem em particular mais à Europa do que à África. Isso porque, como afirma o autor, os africanos não tinham o sentimento de estarem sendo

“descobertos” ou “explorados”. Um dado em particular que a obra discute é a ausência de fontes escritas desse fato. Nesse sentido o texto traz nove mapas que expressam especificamente as feitorias e as colônias no continente africano que foram ocupadas pelos catequistas, padres e pastores portugueses; docentes, operários e empregados franceses; comerciantes e funcionários ingleses, as rotas de partida e eixos de exploração de espanholas e os povoamentos italianos e *boers*, mantendo cada qual o seu estilo de exploração e colonização.

O quinto capítulo abarca a chamada “era colonial”, posta em cheque por alguns africanistas, entre os quais Elikia M’bokolo, por não durar algumas décadas. A abordagem entre o período da Primeira e Segunda Guerra Mundial trata da violência dos europeus para com a população africana na constituição de seus exércitos. Tal fato levou a contradições e a incoerências coloniais, como a criação de novos sistemas de administração, classes, estatutos, regras e outros quadros de instabilidade entre os autóctones. Diversos fatores favoreceram essa instabilidade, como o cristianismo dócil, o sistema de ensino, as modificações nos sistemas agrícolas, a expansão

das cidades e demais instrumentos de colonização racista.

Os dois últimos capítulos aprofundam os caminhos da emancipação política da África. Em três representações cartográficas o texto nos traz as resistências e revoltas contra a colonização na África Negra, acompanhado de esquemas que analisam a tipologia dos movimentos religiosos, o pan-africano, as independências, os comitês e demais autonomias africanas. Com essas informações o leitor passa a entender o despertar político de uma elite constituída de jovens que tinham aprendido a língua europeia, mas que buscavam lutar contra o nacionalismo racista. Dessa forma, acreditamos que o livro *África Negra*, de Elikia M’bokolo, contribui para os geógrafos brasileiros, uma vez que seus atributos consistem na perspectiva de que as guerras envolvem estratégias militares como processo de crescimento e desenvolvimento dos impérios, no tratamento do tema das diferentes construções estatais africanas do século XIX e XX, além dos conflitos armados dos anos 1960 a 1990 e demais fatores que caracterizam a geopolítica e a restauração estatal no território africano e seus desafios para o século XXI.